Texto publicado em *Estudos lingüísticos*. v. 33. Campinas: GEL, 2004. (cd-rom)

DIACRONIA DE UMA VARIANTE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A FALA DE ITAPOCORÓI (SC)

Amábile Bianca NOGUEIRA (G-FAPESP-USP)

Mário Eduardo VIARO (USP)

ABSTRACT: Itapocorói has preserved the most features of Azorian colonization in Santa Catarina. Starting from the premise that language goes through a constant process of transformation, the goal of this present paper is to depict this Santa Catarina's variation as a whole and to reconstruct part of it's history.

KEYWORDS: Azores; Santa Catarina; Dialectology; Historical Linguistics.

0. Introdução

Como o Açores é na realidade um arquipélago, é inviável admitir que o falar de todas as ilhas seja uniforme. Se há muitos pontos em comum, há também diferenças. Por isso, é preciso frisar que a denominação “variante açoriana” designa, em realidade, o conjunto das variantes faladas no arquipélago.

Apesar de ser do conhecimento de todos que a influência açoriana é muito presente no litoral catarinense, poucos trabalhos analisam este fato do ponto de vista lingüístico, principalmente em seus aspectos fonéticos e morfossintáticos. Em relação à antiga enseada de Itapocorói, a escassez de material indica que muito pouco se conhece sobre essa influência e sua evolução na região.

O presente trabalho investiga a antiga região catarinense da enseada de Itapocorói, que compreende a área de três municípios: Penha, Piçarras e uma pequena parte do sul de Barra Velha. Tal região, colonizada principalmente por açorianos, é uma das mais antigas do estado de Santa Catarina, remontando à segunda metade do século XVII.

Pretende-se apresentar algumas variações sensíveis em trinta informantes de diversas faixas etárias (faixa A: dos 8 aos 16 anos; faixa B: dos 21 aos 52 anos; faixa C: dos 68 aos 83 anos), do ponto de vista fonético, lexical e sintático. Para isso, foram utilizados dados colhidos em trabalho de campo por meio de: (a) locução espontânea; (b) aplicação de questionário lingüístico com 50 perguntas; (c) questionário valorativo com 5 perguntas.

1. Análise fonética

Para analisar os dados fonéticos levantados na pesquisa de campo, utilizar-se-ão, como parâmetro de comparação, entre a variante catarinense em questão e a variante açoriana, os dados encontrados principalmente em Furlan (1989).

Para Furlan, sete são os traços fundamentais da variante açoriana catarinense:

“(...) 1. pronúncia álveo-palatal de / S / travante; 2. absorção de iode por / S / palatalizado; 3. pronúncia velar / uvular do fonema / ʃ /; 4. resíduos de apoio paragógico a oxítonos em - /w, r, s/; 5. africacão ou palatalização de / t / entre iode e vogal recuada átona; 6. ênfase da tônica e rapidez de ritmo; 7. elevação entoacional da parte final das assertivas enfáticas.” (1989: 101)

Resumidamente, apresentar-se-á o resultado da análise comparativa entre as assertivas de Furlan e os dados colhidos na pesquisa de campo. Com exceção dos pontos 5 e 6, pois não fazem parte da proposta inicial do trabalho realizado. Porém, registra-se que são facilmente observáveis e de uso comum em toda a região, sendo realmente duas características marcantes na fala.

Na realização do arquifonema /S/ em final de sílaba seguido por consoante, no questionário lingüístico a fricativa alveolar desvozeada [s] apresentou-se em 19 dos 28 informantes (68%). A outra forma encontrada é a fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] em 7 informantes (25%) - 3A, 5A, 6A, 6B, 9B, 10B e 2C.

Na locução espontânea o uso da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] aparece, assim como no questionário lingüístico, em 3A (exceção:

['gosta]), 6B e 10B (alternando-se com o som [s]), bem como em 2C em um único caso [iʃta'turɐ]. Esta realização também aparece como exceção em 5C ['moʃtra], 6C ['fɛʃta], (4 vezes) e [vero'niʃta] e 10C [iʃ'kovɐ] e [iʃko'varu].

Os falantes 1C, 4C, 7C, 8C e 9C utilizam a fricativa alveopalatal desvozeada na maioria das ocorrências dessa natureza em sua fala, curiosamente, não apresentaram essa variante no questionário lingüístico.

Trazida pelos primeiros açorianos, para Furlan, a pronúncia alveopalatal do /S/ implosivo é um dos traços que mais caracteriza o falar açoriano catarinense, pois é amplamente difundida e abrange a maioria dos falantes do litoral de Santa Catarina (1989: 104).

Em relação ao arquifonema / S / em final de palavra, no questionário lingüístico foram aplicadas duas perguntas para verificar sua ocorrência. Somando os dois resultados, encontramos o uso da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] em 3A, 6A, 2B, 3B, 6B, 8B, 2C, 4C, 7C e 10C, o que totaliza 36% das respostas.

Com os resultados das gravações espontâneas esse número sobe para 64% dos informantes, 18 de 29, pois também a encontramos em: 2A ['powkoʃ] e [portu'gejʃ], 4A [portu'gejʃ], ['dɛjʃ], ['depojʃ], 7A ['majʃ] 1C ['doʃ], ['eliʃ] e ['depoʃ], 5A, 3C, 8C e 9C na maioria dos casos.

Assinala Furlan que, de forma geral, no Brasil há um iode entre o / S / final dos oxítonos e a vogal que o precede. Ao contrário da maioria, a variante açoriana catarinense não introduz um iode nesse contexto, e, muitas vezes, não o realiza mesmo quando ele está presente. É esse fato que diferencia a variante em questão, por exemplo, da variante carioca, mesmo sabendo que ambas utilizam, na maioria dos casos, a fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] (1989: 114).

Especificamente na região de Itapocorói, vemos que o uso da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] está bem presente, mas seu uso não implica a ausência ou a não realização do iode.

No questionário lingüístico, independentemente da faixa etária, todos realizaram o arquivonema / R / como uma fricativa glotal desvozeada [h] no início de palavra. Esse fato não se repetiu nas locuções espontâneas, em que 4 dos 10 informantes da faixa C (40%) apresentaram a vibrante alveolar vozeada [ř] em alguns casos: 1C [' řua], [řemē 'da] e [' řopa], 4C [' řuə], 8C [' řopə], 10C [' řuə], [řas 'pavə], [' řodo].

Furlan assinala que a pronúncia velar / uvular do fonema / ř / em começo de palavra, muito difundida no litoral de Santa Catarina, é mais um dos quesitos básicos da fala açoriana catarinense (1989:126). Analisando os dados obtidos pelas gravações, é possível notar uma sensível mudança: se na época do levantamento de Furlan, cerca de 20 anos atrás, essa ocorrência era comum, hoje ela está restrita a 40% dos falantes da faixa C. Isso indica que a pronúncia velar / uvular do fonema / ř / tende a desaparecer com o tempo na região. Provavelmente, será substituída pela fricativa glotal desvozeada [h], que está prevalecendo na maioria das ocorrências.

Já em relação aos casos de paragoge, no *corpus* foram encontradas em 2C [ha 'pazi], 7C [portu 'gezi], 9C ['deuzi], ['mesi] e ['sole], e 10C ['sejsi].

Para Furlan, a presença de resíduos de apoio paragógico a oxítonos em - /w, r, s/ é mais um dos traços que diferenciam a variante açoriana catarinense. Relacionando à assertiva acima com os dados obtidos, é possível notar que esse é um processo que está se rareando: só está presente na faixa C. E, também, ao contrário do que aponta o autor, a grande maioria das ocorrências são realizadas com o apoio paragógico de [i], e não de [e].

Para os casos de alofonia de / t /, no questionário lingüístico o uso da oclusiva alveolar desvozeada [t] está presente em 27 dos 28 informantes. O único informante que utilizou a africada alveopalatal desvozeada [tʃ] foi 9C.

Já nas locuções espontâneas, encontramos a seguinte disposição em relação à africada alveopalatal desvozeada: estão ausentes nos informantes da faixa A, ocorre uma única vez na faixa B (em seu informante mais velho – 10B) em final de palavras: ['mũjtʃu] e

[bu'nitʃu]; e ocorre em 3 dos 8 informantes da faixa C, também em final de palavras (6C, 7C e 10C).

Em 7C encontramos três realizações diferentes para a mesma palavra: ['mutʃo], ['mujtu] e ['mujtʃu], o mesmo ocorre em 10C com o numeral quatro: ['kwatu], ['kwatʃu] ou ['kwatru], o que demonstra que a oclusiva [t] ocorre em variação livre com a oclusiva [tʃ].

Para Furlan, a oclusiva desvozeada /t/, no açoriano catarinense, sofre um “processo de assimilação progressiva parcial consonantal: t > tʃ > tʃj”. Sendo assim, podemos encontrar sua africacão (quando sua realização é alveopalatal) ou sua palatalização. Porém, isso só ocorrerá quando estiver dentro do seguinte contexto, que o difere das outras realizações encontradas no Brasil: precedida de vogal tônica + iode [j] seguida por vogal posterior. (1989:135)

Porém, observando as ocorrências registradas, notam-se dois fatos importantes: a africacão pode ocorrer em um contexto diferente (sem a presença do iode como em 7C ['mutʃo]) e a sua completa palatalização [tʃj] não foi encontrada em nenhum dos informantes.

Outra questão importante, o uso da oclusiva [tʃ] está restrito a alguns falantes da faixa C, isto é, na fala dos mais velhos. Isso pode indicar uma possível mudança: a variante oclusiva [tʃ] está perdendo, de forma significativa, espaço para a oclusiva /t/. Esse fato acaba descaracterizando um dos sete quesitos considerados por Furlan como base do falar açoriano catarinense (a africacão ou palatalização de /t/ entre iode e vogal recuada átona).

Em relação ao uso da africada alveopalatal vozeada [dʒ], seu uso só foi registrado no questionário lingüístico em três informantes: 10A, 2B e 3B. Já nas gravações espontâneas não foi encontrada nenhuma ocorrência. A quase inexistência da africacão da oclusiva vozeada [d] corrobora para a tese de Furlan que limita esse fenômeno à oclusiva sonora [t] na variante açoriana catarinense (1989:135).

2. Análise lexical

Entre todo o léxico levantado, muitas palavras são reconhecidas como tipicamente catarinenses, segundo Corrêa (2000): rebojo (vento forte), gervão (lagarta), grada (grande), pomboca (lâmparina), carambota (cambalhota), pêca e pilica (bolinha de gude), bóca (pequeno buraco feito no chão para brincar de bolinha de gude), guri (menino), funda, setla ou schilóida (estilingue).

Entretanto, algumas formas usadas não são encontradas facilmente em dicionários, como: embarcado (pescador), ranchidade (lugar afastado), bodoque (arco usado para lançar pedras ou bolotas de barro) e veronista ou veranista (turista). Outras, se encontradas, aparecem como típicas de outra região ou como arcaísmos.

Como palavra típica de outra região, podemos citar a forma, bem conhecida na região de Itapocorói, angolista, que, de acordo com Taunay (1914) é um termo encontrado em certas regiões do Estado de São Paulo para designar a galinha-d'angola.

Como evidente arcaísmo, a forma pela qual é popularmente conhecida a mosca varejeira, segundo Machado (1952-58):

“(...) vareja, s. der. Regressivo de varejeira. A var. bareja em 1509: <tem mil barejas> de Gil Vicente, Auto da Índia, na Copilaçam, fl. 196.” (s.v. varejeira)

3. Análise morfossintática

Segundo Furlan, “a morfosintaxe do falar açoriano catarinense abraçou-se”. As principais mudanças relacionadas pelo autor são: o uso do verbo conjugado na terceira pessoa do singular (não mais em segunda pessoa), e a baixa concordância verbal e nominal (1989: 88).

A seguir serão apresentados os dados obtidos nas gravações pertinentes à morfossintaxe. Juntamente com a análise, comentar-se-á até que ponto as afirmações acima se verificam no falar da antiga região da enseada de Itapocorói.

Os informantes 4A, 7A, 9A, 2B, 3B, 5B, 7B, 8B, 4C, 5C e 7C utilizam constantemente o pronome reto tu, de segunda pessoa do singular, acompanhado por verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Em 4B o informante utiliza-se tanto de tu como de você, predominando o primeiro.

Em 3C a informante usa duas vezes o pronome tu: uma vez com o verbo na terceira pessoa do singular – “tu vai” e outra vez com o verbo na segunda pessoa do singular - “tu já tens”. Esta última realização, em que o pronome de segunda pessoa tu é acompanhado pelo verbo conjugado em segunda pessoa tens, é um fato isolado, pois não se apresenta em nenhum outro informante.

Assim, como aponta Furlan, nota-se que realmente houve uma mudança na relação entre o verbo e o pronome que o acompanha. Interessante é frisar que o tratamento tu é ainda bem presente e está uniformemente distribuído pelas três faixas etárias consideradas.

Em relação à concordância verbal, Furlan nos assevera que:

“Enquanto, no português europeu, a forma verbal normalmente se flexiona e concorda com a pessoa do sujeito conforme a linguagem culta, no açoriano catarinense bem como em outros falares brasileiros, as formas verbais sofrem notável redução morfofonêmica, de tal maneira que, nos verbos regulares, por exemplo, as formas chegam a reduzir-se a uma só...” (1989: 89)

Analisando os dados apresentados pelos informantes, verificamos que a grande maioria, 90%, realiza a concordância verbal em mais de 70% dos casos. Em 1A, 9A, 8C e 10C a concordância abrange 100% das ocorrências. Muitos apresentam apenas uma exceção, como: 2A “eles fazia”, 3A “os peixinho morre”, 4A “os dois sempre fica junto”, 5A “eles toca”, 7A “eu e meu pai viajava”, 1B “as terra tava”, 4B e 10B “eles fazi”, 4C “a juventude são”, 5C “o povo gostaram” e 9C “eles amarrava”. Os outros informantes que se encaixam no perfil acima são: 6A, 8A, 10A, 2B, 3B, 5B, 6B, 7B, 2C, 3C e 7C. O informante 1C realiza a concordância verbal em 62,5% dos casos; e 8B e 6C em 50%.

Assim, 100% dos informantes realizam a concordância verbal em mais de 50% dos casos. Este fato é muito significativo pois contraria em dois pontos a assertiva apresentada por Furlan. Primeiramente, a alta taxa de concordância verbal vai de encontro à tendência da não concordância verbal presente no português do Brasil. Além disso, a concordância está presente em todos os informantes independentemente do grau de escolarização. Em 10A, por exemplo, a concordância verbal só não ocorre em dois contextos: “a gente ficamos” e “a gente não fazem”. Para

este informante a concordância é a regra, tanto que este acaba “pecando” pelo excesso de concordância.

Já com a concordância nominal, na análise das gravações foi possível verificar que a maioria dos informantes, 52%, não realiza a concordância nominal em mais de 70% dos casos: 1A, 3A, 6B, 7B, 8B, 10B, 1C, 2C, 4C 5C, 6C, 8C, 9C e 10C. Sendo que em 1A, 3A, 7B, 4C, 8C, 9C e 10C a não concordância está em 100% das ocorrências. Em 2B e 5B a não concordância também predomina em, respectivamente, 59% e 65%.

Comparando os dados acima com a escolaridade de cada um, é possível perceber que a concordância nominal está relacionada a esta questão, como havia assinalado Furlan. Efetuam a concordância, em sua maioria, os informantes da faixa A e B que freqüentam ou freqüentaram instituições de ensino. Na faixa C só dois informantes apresentam concordância nominal em mais de 70% dos casos: 3C (professora de magistério) e 6C (o único caso que contraria a regra, pois esse informante não recebeu educação formal).

4. Conclusão

Analisando todas as características acima, é possível afirmar que a variante de Itapocorói está se modificando, como se depreende dos dados dos informantes das três faixas etárias consideradas. Atente-se para o fato que a região estudada é uma das mais conservadoras do litoral catarinense, pois preserva muitas características da cultura e dos costumes açorianos.

As características do falar regional, assinaladas por Furlan (1989) como base distintiva da variante açoriana catarinense, sobretudo no componente fonético, se encontram em sua maioria na faixa C: a alveopalatal desvozeada [ʃ] em final de sílaba seguido por consoante, a vibrante alveolar vozeada [r̃] em começo de palavra, o apoio paragógico a oxítonos em -/ w, r, s / e a africacão ou palatalização de / t / entre iode e vogal recuada átona. O que nos leva a pensar que, com o tempo, tais usos serão substituídos por outros mais típicos do português brasileiro.

RESUMO: Itapocorói é uma das regiões que mais preserva os traços da colonização açoriana em Santa Catarina. Partindo da premissa que a

língua sofre um constante processo de transformação, o objetivo do presente trabalho é retratar essa variante açoriana catarinense em sua atualidade e reconstruir uma parte de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Açores; Santa Catarina; Dialetologia; Lingüística Histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CORRÊA, Isaque de Borba. *Dicionário catarinense: tratado de dialetologia, falares, subfalares e expressões idiomáticas no estado barriga-verde*. Florianópolis: Insular, 2000.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil de SC*. Florianópolis: UFSC, 1989.

MACHADO, Pedro. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952-59.

TAUNAY, Affonso de E. *Léxico de Lacunas*. Tours: E. Arnaut & Cia., 1914, 5v.